

O homem e o lugar – Pelourinho um olhar no tempo e no espaço social de Quincas Berro D'água...

Marlene Pires d'Aragão Carneiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O homem e o lugar – Pelourinho um olhar no tempo e no espaço social de Quincas Berro D'água...

Marlene Pires d'Aragão Carneiro'

A abordagem que nos propomos a fazer assinala o momento anterior à revitalização do Pelourinho, na época de 1930 até 1967 (primeiros esforços no sentido de restauração e transformação da área). O ponto de partida é a obra de Jorge Amado.

Para melhor apreensão do espaço que serviu de cenário para o desenrolar da novela *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*, tomamos a definição de Bonnure, que realça a qualidade dos centros urbanos, afirmando ser “a partir de uma aglomeração urbana que apresenta a maior animação e conhece a mais forte atividade, sob todas as suas formas.” (In: Santos, M., 1959, p.18).

O sítio urbano do Pelourinho, cuja área tombada constitui, “no coração de Salvador, uma pequena cidade, dentro da cidade”, representa um patrimônio de cultura: tem sido um mirante para pintores, poetas, romancistas, escritores como Jorge Amado.

Isso ganha mais sentido quando sabemos que

... não podemos pensar sem signos. O modo dessa representação, essa linguagem e sua lógica constitutiva terminam por ser o elemento de comunicação do sistema sociocultural, o modo de representação e o significado do próprio sistema. Logo, o lado do social, do econômico e do cultural, a estrutura informacional constitui um dos elementos básicos de apreensão do real. (Ferrara, 1993, p.6).

Percebe-se, aqui, a importância da disciplina “O Espaço Geográfico na Literatura”, que oferece subsídios à leitura crítica do espaço geográfico na compreensão do real e do imaginário, na dimensão criadora do processo de análise conjunta das realidades socioespaciais.

Ao tecer essas considerações, pontuamos nossa intenção em decifrar alguns aspectos da realidade do Pelourinho, à luz da obra de Jorge Amado, *A morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*.

“Quincas e sua gente”, nasceram em casa de pernambucanos, amigos do autor, sob o “calor da amizade.” Essa novela conta que: “Quincas Berro d'Água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar.”:

A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco afirma não passar toda a história de grossa intrujice invenção de bêbados inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deverá ser as grades da cidade e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. (p.3)

Não era ele homem de respeito e de convivência, apesar do respeito dedicado por seus parceiros de jogo o jogador de tão invejada sorte e a bebedor de cachaça tão longa e conversada. (p.3-4)

Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao Mercado e na Água dos Meninos, os momentos finais de Quincas (até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente), desrespeitavam assim a memória do morto, segundo a família. (p.5)

A notícia da morte de Quincas foi dada por “um santeiro estabelecido na ladeira do Taboão” (nome que se deve à existência de tábuas que serviam de passagem, postas sobre um riacho que corria no sopé da ladeira do Pelourinho):

O santeiro, velho, magro, de carapinha branca, estendia-se em detalhes: uma negra, vendedora de mingau, acarajé, abará e outras comilanças, tinha um importante assunto a tratar com Quincas naquela manhã. Ele havia prometido arranjar certas ervas difíceis de encontrar, imprescindíveis para obrigações de candomblé. A negra viera pelas ervas, urgia recebê-las, estavam na época sagrada das festas de Xangô. (p.8)

Era um morto pouco apresentável, cadáver de vagabundo falecido ao azar, sem decência na morte, sem respeito, rindo-se cnicamente, rindo-se com certeza de Leonardo, do resto da família”. Cadáver para necrotério, para ir no rebecão da policia servir depois aos alunos da Faculdade de Medicina nas aulas práticas, ser finalmente enterrado em covas rasas, sem cruz e sem inscrição. Era o cadáver de Quincas Berro d’Água, cachaceiro, debochado e jogador sem família, sem lar, sem flores, sem rezas. (p.14)

O cachaceiro-mor de Salvador, o filósofo esfarrapado da rampa do Mercado, o senador das gafieiras, Quincas Berro d’Água, o vagabundo por excelência eis como o tratavam nos jornais, onde por vezes sua sórdida fotografia era estampada. (p.31-2).

O conjunto do Pelourinho com sua fisionomia do período colonial, dos casarios, igrejas (N. Senhora do Rosário dos Pretos, Ordem Terceira do Carmo e do Convento do Carmo) da Cruz do Pascoal, do Beco do Mota, da Ladeira de São Miguel e de muitos outros lugares, compõem a paisagem que serve de cenário dessa história pitoresca.

Nenhum outro lugar, sem dúvida, servira tão bem, como pano de fundo para essa novela de Jorge Amado, pelas características da época e da população local, o cotidiano que movimenta o lugar: “a parte de uma aglomeração urbana que apresenta a maior

animação e conhece a mais forte atividade, sob todas as suas formas”, como antes já foi dito.

Como “não se pode construir a identidade fora do mundo social”, nessa obra, o autor imprime identidade especial, na maneira de ser e na forma de existir dos seus personagens.

A prostituição, na área do Pelourinho, data da década de trinta, pelo deslocamento em massa de prostitutas, provenientes de vários locais. Os jornais da época reproduziam notícias sobre a questão, como, por exemplo, nos clichês que se seguem:

Uma chaga humana e, portanto social, religiosa, econômica, política, integral, em suma, que é por sem dúvida, o drama da prostituição... (A Semana, 12 de novembro de 1967).

Vinha sendo deslavado cinismo, por anos e anos, compactuada por todos nós, a exibição ostensiva, a localização imprudente, a aceitação tácita do meretrício no bairro do Pelourinho. (Jornal da Bahia, 29 de abril de 1959).

Junto à prostituição, havia a degradação física e moral do espaço. Em *Quincas Berro d'Água*, vê-se a fala política e o exercício político no processo dialógico estabelecido em todo o relato, quando busca idealizar a vida popular do lugar e o comportamento social de sua gente:

... aquela gatinha do Tabuão, a ralé em cuja companhia Quincas se comprazia.

A ladeira do Tabuão não era lugar onde uma senhora pudesse ser vista à noite, ladeira de má fama, povoada de malandros e mulheres da vida. (p. 30).

[Quincas]... o rei da gafeira, o patriarca da zona do baixo meretrício. (p. 32).

É interessante perceber o contraditório nas relações socioespaciais do Pelourinho, ao se analisar o problema do meretrício nessa área e constatar-se a presença física da igreja e sua

ritualística, de cuja atividade participam pessoas de outro nível social que não o do lugar em questão, tais como “casamentos de pessoas da classe média e alta na Catedral”, a benção popular dos franciscanos às terças-feiras, por exemplo.

Neste ponto indaga-se:

Afinal, quem é Quincas Berro d'Água?

NOTAS

¹ Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Rio de Janeiro: Record, 1953. 130 p.

FERRARA, L. A. *Leitura sem palavra*. São Paulo: Ática, 1993. 72 p.

REVISTA MUNICÍPIOS EM DESTAQUE. Paraíba, ano XVII, n. 70. 1996.

REVISTA TERRA. São Paulo, ano 6, n. 3, mar. 1997.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

_____. Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da Cidade do Salvador. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 32. 1959. p. 17-30.